

## À Vista da Aldeia

Rio Mapuera, rio Mapuera, rio Mapuera. Como pode caber tanto água no mapa? Onde paramos? A caminho da aldeia Wai Wai, três dias de canoa, debaixo de chuva, debaixo de sol. Claro: o cansaço é fichinha perto das novidades. Começar a aprender a língua Wai Wai com as índias, por exemplo, é um divertimento e tanto.

“Oieiat ne re w s”. Em português, “tô com dor nas costas” — a primeira frase completa que aprendi na nova língua. As índias adoram espiar brancos tentando falar Wai Wai. Pudera: os sons são bem diferentes do português. A gente se enrola pra tentar aprender.

Na manhã do terceiro dia, os índios já tinham as contas: chegamos na aldeia hoje mesmo, lá pelas 6 da tarde. Glupt! Lá vem o frio na barriga, velho conhecido de quem vai enfrentar situações novas.

Antes da chegada, começam a cantar naquela língua difícil, que mais parece parente de idioma oriental. Só entendo uma palavra, “Chéssus” (assim eles falam Jesus). São hinos religiosos, que aprenderam na igreja evangélica fundada pelos brancos.

Meia dúzia de curvas de rio e lá está, bem longe, o marrom-ocre das casas de Mapuera colorindo o verde escuro da Amazônia. A gente vê muitas coisas pela vida — mas só algumas imagens ficam guardadas pra sempre.

Na beira do rio, dezenas de índios esperam por nós. Centenas, com certeza. Sobre-tudo mulheres e crianças: muito burburinho e roupas coloridas na paisagem. Todos querem ver a volta das **Kanawas**, que partiram há tanto tempo e voltaram com novidade: uma **Karaivá** (brasileira) a bordo! E o que é mais engraçado: usando óculos!

Os Wai Wai já conhecem os boatos há muito tempo. Mas não é todo dia que um Karaivá aparece por lá. Não chegamos a ser ETs, mas somos bem esquisitos. Mais altos, de pele muito clara e com pêlos pelo corpo.

Por isso os primeiros dias na aldeia não são lá os mais fáceis. Você se sente como um objeto não identificado ambulante. Sua presença é notada em todo canto. Parece que estão sempre falando de você, mas não dá pra entender bulhufas!

Estamos em Mapuera e os programas agora são diferentes: ir pra roça, dormir na rede, conversar fiado, assistir jogo de futebol. Isso mesmo: os Wai Wai jogam bola todo santo dia, de 4 às 6 da tarde. O PROGRAMINHA conta mais sobre o dia a dia da aldeia na próxima semana.

\* Cláudia Mesquita é jornalista e vai publicar sua viagem à tribo Wai Wai no PROGRAMINHA, até os dias 11 e 12 de março



Os Wai Wai se juntam na Casa Grande para celebrar, comer e festejar

# UM POUCO DE HISTÓRIA

## Quando os missionários ficaram de queixo caído com os rituais dos Wai Wai

As festas da nossa sociedade geralmente têm um motivo pomposo: aniversário, Natal, batizado, casamento. A tradicional comemoração dos Wai Wai nunca precisou de motivos, nem de datas especiais. Os índios resolviam festejar e pronto.

Dizem que os **Shodewikas** (festas tradicionais) eram retribuições aos amigos de outras aldeias, que por sua vez tinham feito uma festa, para retribuir outras festas, e assim por diante. Certo é que tudo acabava em festa.

E os índios se divertiam loucamente. Enquanto houvesse comida e bebida, a alegria não terminava. Os feiticeiros xamãs recebiam espíritos de animais; alguns índios dançavam sem parar durante um dia e uma noite; outros comiam e bebiam bebidas alcoólicas (à base de mandioca) até não agüentar mais; uns resolviam trocar de mulheres. Era um carnaval tribal.

Quando os missionários americanos encontraram os Wai Wai, na década de 40, ficaram de queixo caído: nunca tinham visto festa tão maluca. Foram logo colocando diabo na história. Estavam decididos a convencer os índios a abandonar aquele “ritual dos infernos”.

Só que os Wai Wai não eram bobos. Abandonar os Shodewikas, sua principal diversão? De jeito nenhum. “Meu povo não quer deixar de fazer

feita”, disse o jovem Ewká, grande líder dos Wai Wai naquele tempo.

Os missionários não tinham saída. Nem os Wai Wai. Os índios precisavam da Missão porque estavam doentes e dependiam dos remédios. Os missionários queriam permanecer na aldeia. Aí ficou decidido: os Wai Wai poderiam continuar com suas festas, mas estavam proibidos de beber bebidas alcoólicas, de receber espíritos e de fazer troca-troca de maridos e esposas.

Lá se vão quase 50 anos e os índios continuam festejando. Claro: as coisas mudaram. Mas não mudaram tanto quanto a gente pensa. Os caçadores ainda procuram bichos no mato, durante quase um mês, pra que não falte comida durante as festividades. Os índios dançam, comem e se divertem com brincadeiras curiosas durante cerca de 7 dias seguidos. Os missionários batizaram de Natal, mas não tem nada a ver com a festa que a gente conhece.

Na verdade, as festas hoje em dia misturam tradições dos Wai Wai com novos hábitos introduzidos pela Missão. Mas a comilança continua grande. Para os Wai Wai, a alma de um homem não mora no coração, e sim no estômago. Os índios parecem acreditar que, quando comem, não estão apenas alimentando o corpo, mas também o espírito. Até a semana que vem, com mais histórias! (Cláudia Mesquita)

# Wai Wai



Meninos da aldeia têm muitos compromissos: o rio, a bola, os bichos, os jogos

## A cidade das crianças

Se existisse uma cidade onde só vissem crianças, ela seria parecida com a aldeia de Mapuera. Claro: lá tem adultos também. A diferença é que mais da metade da população é criança. Imagine o fuzuê.

As mulheres e os homens se casam muito cedo. Com 15 anos de idade, muitas meninas já são mães. Quando chegam aos 25, já tiveram bem uns cinco filhos, um atrás do outro, uma escadinha.

Por isso na aldeia tem criança em toda parte. Elas andam em bandos, por idades. Tem o bando dos pequeninhos, até cerca de 4 anos; o dos médios, com 7, 8; e o bando (este é terrível), dos maiores, com 10, 11, 12 anos de idade. Sem falar nos adolescentes.

Meninos e meninas Wai Wai dificilmente se misturam. Os grupos também são divididos por sexo, como o clube do Bolinha: onde tem menino, menina não costuma se meter. Nunca brincam juntos.

Isso é um reflexo da sociedade Wai Wai. Lá os trabalhos são divididos de forma rigorosa entre os sexos: mulheres nunca caçam, nem pescam; homens jamais ralam mandioca ou preparam farinha e beiju. E não se discute.

Mas a meninada Wai Wai se diverte muito. Por causa do calor e da proximidade da água, estão sempre nadando no rio. Desde novos já mergulham, andam de canoa sozinhos, sabem se virar. Brincam de bola, correm, inventam jogos e adoram bichos. São gozadores e gostam de comparar pesos com animais e floresta.

Você vai saber mais sobre os hábitos da meninada na semana que vem. **Amñe Ilara** (fala-se “aminirará” e significa “até mais tarde”)! (Cláudia Mesquita)